

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espírita)
ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC
Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares
NITERÓI/RJ = ANO II = Nº 22 = ABRIL DE 2005

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC

(No nº 01 da Revista Espírita)

“... Admiram-se muitos de que, enquanto na América, só os Estados Unidos possuem dezessete jornais consagrados ao magnetismo e ao fenômeno das manifestações espíritas, a França, o país da Europa onde mais rapidamente as idéias se aclimataram, não possua nenhum. Seria desnecessário contestar a utilidade de um órgão especial que ponha o público a par do progresso desta nova Ciência e a premuna contra os exageros da credulidade, tanto quanto do cepticismo. É uma tal lacuna que nos propomos preencher com a publicação desta Revista, com o fito de oferecer um meio de comunicação a todos quantos se interessam por estas questões e de ligar, por um laço comum, os que compreendem a doutrina espírita sob seu verdadeiro ponto de vista moral: a prática do bem e a caridade evangélica para com todos...”

“...Talvez nos contestem a denominação de Ciência, que damos ao Espiritismo. Ele não teria, sem dúvida e *em nenhum caso* (grifo de Kardec) as características de uma Ciência exata e, precisamente nisso, está o erro dos que o pretendem julgar e experimentar como uma análise química ou um problema de Matemática; já é bastante que seja uma Ciência Filosófica. Toda Ciência deve basear-se em fatos; mas, estes (fatos), por si sós, não constituem a Ciência; ela nasce da coordenação e da dedução lógica dos fatos; é o conjunto de leis que os regem. Chegou o Espiritismo ao estado de Ciência? Se se trata de uma Ciência acabada, sem dúvida será prematuro responder afirmativamente. Mas as observações já são hoje bastante numerosas para permitirem pelo menos deduzir os princípios gerais, onde começa a Ciência.

“O exame raciocinado dos fatos e das conseqüências deles decorrentes é, pois, um complemento, sem o qual nossa publicação seria de medíocre utilidade e apenas ofereceria um interesse secundário a quem reflete e quer dar-se conta do que vê. Contudo, como nosso objetivo é chegar à verdade, acolheremos todas as observações que nos forem dirigidas, e, tanto quanto o permitir o estado dos conhecimentos adquiridos, procuraremos resolver as dúvidas e esclarecer os pontos ainda obscuros. Nossa Revista será assim, uma tribuna, na qual, entretanto, a discussão jamais deverá afastar-se das normas das mais estritas conveniências. Numa palavra, discutiremos, mas *não disputaremos* (grifo de Kardec). As inconveniências de linguagem jamais foram boas razões aos olhos da gente sensata: é a arma daqueles que não possuem algo melhor, e que se volta contra quem a maneja...” (Extraído da “Introdução” da Revista Espírita nº 01 de janeiro de 1858).

NOSSO COMENTÁRIO

Foi seguindo esta orientação do querido Mestre Allan Kardec que Nazareno Tourinho, grande polemista espírita, dirigindo-se ao ex-presidente da FEB, disse o seguinte: “Se o irmão Juvanir Borges de Souza sonha em perpetuar-se, como tudo leva a crer, na presidência da FEB, a fim de mantê-la comprometida com o roustainguismo contrário ao pensamento de Kardec, poderia, pelo menos, prestar um bom serviço à nossa causa, reformando o **Reformador**. Esta Revista de há muito é a publicação doutrinária que temos de maior tiragem; circula nos Centros Espíritas de todo o mundo e por isso merece uma linha editorial mais lúcida, para não dizer, menos retrógrada.

“Não pense o leitor que nos encontramos de má vontade neste julgamento da revista **Reformador**, em virtude da campanha que resolvemos sustentar contra os deslizos ideológicos do atual presidente febeano. No fundo estamos até lhe oferecendo uma ajuda, pois certamente melhorará sua imagem perante os companheiros de crença, deixando de cometer tantas tolices no periódico tido como “tribuna oficial” do **Santuário de Ismael...**

“Vejam as **provas** de mais esta **denúncia**, tomando por base os dois últimos números do **Reformador**, relativos aos meses de setembro e outubro de 1997 (...).

“Teimando em não permitir que ninguém, a não ser ele mesmo, escreva na página de abertura do **Reformador**, Juvanir Borges de Souza, na edição de setembro de 1997, chega ao cúmulo de suprir sua falta de inspiração, de maneira primária e anti-jornalística: ao invés de produzir qualquer texto para ocupar o espaço, limita-se a transcrever um velho artigo que assinou e editou quase dez anos atrás, em abril de 1989.

“Logo a seguir, publica despropositada crônica de um dos seus assessores, roustainguista roxo, intitulada ‘GRATIDÃO’, na qual o autor gasta todo o espaço elogiando os espíritas ilustres que lhe deram apoio ao longo da existência, dentre eles o próprio Juvanir Borges de Souza.

“Que interesse tem para os leitores da revista, ávidos de assuntos de natureza doutrinária, matérias desse teor, inteiramente personalistas, que servem apenas para satisfazer verdades pessoais?

“Mais à frente, depois de passar pelo costumeiro escrito de Inaldo Lacerda Lima, destinado, invariavelmente a fazer propaganda da obra **Os Quatro Evangelhos** com o cuidado aético de não mencionar o nome do seu autor, Jean-Baptiste Roustaing, e depois de passar por outras matérias repetitivas de obviedades, deparamos com um curioso texto de ... (Continua)

(Continuação da pág.1) de Washington Luíz Nogueira Fernandes, **A Farsa dos Julgamentos de Jesus**, que ocupa nada menos de 7 (sete) páginas da revista e somente é concluído no seu próximo número, após preencher mais 6 (seis) páginas (o referido texto é todo calcado ou decalcado em extensa bibliografia que começa com a **Bíblia Vulgata** e termina com o **Dicionário de Direito Canônico**). Treze páginas do **Reformador** jogadas fora, quando poderiam servir para expor fatos e conceitos de utilidade doutrinária !

“Até quando a Diretoria da FEB, por crasso misticismo, manterá o **Reformador** em uma linha tão piegas e semi-católica, diferente da **Revista Espírita** que Allan Kardec editou durante doze anos e ela até hoje fez questão de não traduzir nem divulgar ?! (Extraído do Suplemento Literário do jornal “Correio Fraternal do ABC”, edição de dezembro de 1998, pág. 3. Os grifos são do autor).

OBSERVAÇÃO:

O Sr. Juvanir Borges de Souza deixou a presidência da Federação Espírita Brasileira em princípios de 2002. Quem preside FEB desde então é o Sr. João Nestor Masotti.

VAMOS PARAR DE INVENTAR

Moura Rêgo (Via e-mail)

“Na verdade, não sei quem começou, se Espírito ou espírito, mas urge recolocarmos o trem na linha.

Vivemos uma doutrina progressista, inteligente, antenada para o novo e ao por vir, que nada tem de anunciante do mal ou do pecado.

Dessa forma, as páginas das Obras Básicas, instrumento de estudo obrigatório a todos os espíritas responsáveis e sérios, resumem em seus ensinamentos, toda a gama de ações, atos e atitudes a serem observados, como também, as conseqüências morais que destes dimanam.

Ora, se existem notificações, noções, se existem capítulos inteiros nas Obras Básicas, versando sobre tais acometimentos, o obscuro, o desconhecimento, ou mesmo a falta de vontade em pelo menos pensar sobre estes, é que forma o patamar de ação dos profíctos da doutrina, ficando por conta destes mesmos, a justa paga não é assim?

Não sou dos que apregoam, aos quatro cantos os malefícios, as agruras, ou mesmo os acontecimentos danosos que **poderão** advir do descaso para com os ensinamentos deixados ao léu, até porque não encaro como obrigação, a não ser a moral, segui-los, e isso porque me lembro de um dos pontos mais básicos indicados nas próprias páginas de ensino doutrinário. A todos, o Supremo Arquiteto do Universo deu o **LIVRE ARBITRÍO**. É então, por obra desse Livre Arbitrio que o espírito encarnado há de se pautar, colhendo os louros da vitória, em seu justo andar, ou os ardores da dor, por seu obscuro.

O carnaval, tema central deste, está então inserido entre uma das provas ou expiações que muitos não ter de passar. A festividade de Momo, não tem sequer caráter maléfico, é como o nome diz, apenas uma **festividade**, embora queiram alguns cultores das desgraças ou anunciadores do “Sobrenatural da Silva”, afiançar que ao Espírita não seja dado o direito ou mesmo a faculdade de poder passar o “Tríduo Momesco”, como ele entender, desejar ou quiser.

A pergunta que não cala nas mentes de todos é: - Pode então o Espírita, estar a brincar sem se envolver nas nocivas correntes geradas pelos abusos de outrem no período carnavalesco?

A resposta redonda numa simplicidade sem nota: PODE ! Não é anti-espírita, anti-bem, ou anti-qualquer coisa, a alegria, a descontração, o usar sem excessos dos bailes ou das tantas bandas que tocam pelas ruas de nossas cidades.

Ah!, mas existem aqueles que bebem, e se intoxicam de barbitúricos, que usam do sexo animaisicamente. Existem mesmo, e, por existirem, você, seu filho ou eu e os meus, temos de também nos intoxicarmos da mesma maneira? Afinal, existe o tal **arrastamento irresistível** ? Se o amigo leitor é dos que acredita (sic) nisso, meu conselho é: - Esqueça, **não existe** !

Quem diz isso é a mesma obra básica citada logo ao começo dessas linhas.

Pensemos juntos: é preciso que estejamos nos bailes, na sordidez das drogas e nos vícios em plena rua, para que estejamos nos adoecendo? Claro que não. E aqueles que “zapeiam” em seus controles remotos da TV, a procurarem as cenas mais quentes dos bailes? E os que adoram ver os bailes e os acontecimentos internos dos salões do Gala Gay? Por estarem em casa, tomando refrigerantes, sentadinhos, não estão a se adoecerem? Perdoem-me os sanitaristas do MEB, mas vocês precisam estudar mais a doutrina e se meterem menos na vida dos outros.

Se são palavras duras? São, sim, pois já estou farto de escutar apologias ao mal inexistente como se todos fôssemos ignorantes que pudéssemos ser enganados por falácias descompromissadas para com a doutrina. Somos portadores de duas faculdades: Raciocínio e Livre Arbitrio; nossos atos e pensamentos são de ordem própria, se de um lado vale o aviso, o lembrete desindexado dessa alegoria mal feita, do outro cumprenos, enquanto espíritas, velarmos por nossa própria conduta e não ficarmos a passar de irmãos celestiais, ou mesmo de intérpretes do que nem bem conhecemos: a Doutrina Espírita. Disse o filósofo (Instrução em resposta à pergunta do Livro dos Espíritos) **“conhece-te a ti mesmo”**. Tal instrução levada a efeito a todo momento nos deixa por assim dizer, menos afeitos a sermos acometidos desse pretensão de arrastamento oriundo do período de Momo.

Talvez tenha sido por este motivo que há muito tempo atrás o Espírito Verdade (em comunicação ditada em Paris, em 1860) nos tenha indicado estas palavras: “Espíritas, instruí-vos”. (Evangelho segundo o Espiritismo, cap. VI, nº5).

Muita paz” .

NOTA COMPLEMENTAR

Nessa belíssima instrução, o Espírito de Verdade entre outras coisas, disse: “Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas vossas misérias, pela vossa fraqueza imensa, para deixar de estender mão socorredora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem no abismo do erro. Crede, amai, meditai sobre as coisas que vos são reveladas; **não mistureis o joio com a boa semente, as utopias com as verdades**.

Espíritas! Amai-vos, este o primeiro ensinamento. Instruí-vos, este, o segundo”.

UM VEEMENTE APELO

É com o pensamento voltado para o Espírito de Verdade (Jesus), que, neste momento, dirijo um veemente apelo aos dirigentes da F.E.B.

Caros Irmãos.

Ao tomar conhecimento do Espiritismo, Roustaing, que vivia e trabalhava como advogado em Bordéus, em março de 1861 escreveu uma carta a Kardec, demonstrando sua enorme satisfação por ter lido “O Livro dos Espíritos”, iniciando assim seus estudos da Doutrina Espírita. Aproveitando o ensejo, perguntou-lhe se conhecia em Bordéus algum centro espírita que pudesse freqüentar.

Em resposta, Kardec lhe indicou o do Sr. Sabo, que Roustaing passou a freqüentar, ficando imensamente radiante com o que viu e aprendeu ali.

Meses depois, em junho escreveu nova carta a Kardec, em que demonstrou inteira satisfação por ter conhecido e compreendido a *reencarnação* com todo o seu alcance e todas as suas conseqüências, como realidade, ou seja, como “sublime e eqüitativa justiça de Deus”.

Roustaing, no final de sua carta, não só se dirigiu, afetuosamente ao Mestre, chamando-o de “meu caro senhor” como, ao mesmo tempo, demonstrou seu desejo de ir a Paris, para o conhecer pessoalmente, só não o tendo feito ainda por motivo de saúde, pois estava em convalescença. E concluiu, dizendo que se sentia honrado em se declarar publicamente Espírita.

Kardec leu essa carta e ficou impressionado com o que estava escrito. Chegou mesmo a fazer o seguinte comentário elogioso: “Vê-se que, embora iniciado recentemente, o Sr. Roustaing passou a mestre”. É claro que havia um certo exagero nas palavras do Mestre lionês, que via então no advogado de Bordéus um amigo sincero.

Entretanto, esse “amigo”, com quem o Mestre vinha se correspondendo, fez questão de não ir à Estação dar as boas vindas a Kardec, quando este, atendendo a convite do Sr. Sabo, chegou a Bordéus, para, com sua presença ilustre, participar da inauguração da Sociedade de Estudos Espíritas local, após uma reunião geral realizada no dia 14 de outubro de 1861, em que foi efusivamente homenageado pelos espíritas bordelenses. Dois meses depois, Roustaing veio a conhecer a médium, Sra. Émilie Collignon, que lhe entregou as comunicações, que serviram de base e estrutura para o livro “Os Quatro Evangelhos” ou “Revelação da Revelação” que leva a assinatura de Roustaing.

Essa obra foi publicada à revelia de Kardec, que só tomou conhecimento dela, quando já estava à venda na livraria.

Ao receber um exemplar que lhe mandou, a título de cortesia, seu amigo Roustaing de Bordéus, é claro que o Mestre ficou bastante constrangido em comentá-la. “Ao lado de coisas duvidosas”, disse Kardec, “encerra outras incontestavelmente boas e verdadeiras. “Chegou mesmo a declarar que era um “trabalho considerável”, que poderia mesmo ser lido e estudado. Mas deixou bem claro que se tratava apenas de “opiniões pessoais”, que precisavam passar pela “sanção do controle universal”, motivo pelo qual, até mais ampla confirmação, *não poderiam ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita*”.

Para Kardec, Roustaing “havia tratado de certas questões que não era oportuno abordar ainda (...) Quando tratarmos delas, - acrescentou - fá-lo-emos de modo decidido. É que então teremos recolhido documentos bastante numerosos nos ensinamentos dados de todos os lados pelos Espíritos...”

E de fato isto aconteceu. Assim, em janeiro de 1868, Kardec publicou seu último grande livro: “A Gênese”. É que, “depois de ter estabelecido as bases teóricas e práticas da doutrina, cabia-lhe interpretar o Antigo e o Novo Testamento segundo o Espiritismo”, como disse seu biógrafo André Moreil.

Não nos cabe aqui fazer um estudo comparativo entre o que adiantou Roustaing em “Os Quatro Evangelhos” e o que Allan Kardec, assistido pelo Espírito de Verdade, afirmou em “A Gênese”.

A propósito, cabe lembrar uma entrevista que o médium Chico Xavier concedeu em Uberaba/MG, em 8 de julho de 1987, ao completar sessenta anos de mediunidade de completa dedicação à Doutrina Espírita: “Lembro-me de que **Emmanuel**, ao me prevenir que pretendia trabalhar ao meu lado, por tempo longo, **declarou que eu deveria, acima de tudo, procurar os ensinamentos de Jesus e as lições de Kardec. Eu deveria permanecer com Jesus e Kardec, procurando esquece-lo**”.

O mesmo médium Chico Xavier foi quem recebeu também, anos mais tarde, do Espírito do Dr. Bezerra de Menezes, cognominado o “médico dos pobres”, uma mensagem intitulada “**KARDEC E VIDA**”, em que começa dizendo: “Jesus nos trouxe a verdade, Kardec, porém, nos trouxe a interpretação. Daí o nosso dever de comunicar Allan Kardec a todos os setores da vida individual e coletiva, razão pela qual nos reconhecemos na obrigação de reafirmar que **KARDEQUIZAR É A LEGENDA DE AGORA**”. E explica, exaustivamente, o que entende por “kardequizar”.

Aí está, prezados irmãos da Federação Espírita Brasileira, a única razão deste meu apelo: se foi o próprio Allan Kardec que disse que não considerava “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing como obra complementar da Doutrina Espírita; se foi o Espírito Emmanuel que afirmou que, em caso de dúvida, devemos continuar com Kardec e não com ele; se foi o Espírito de Bezerra de Menezes que disse que kardequizar é a legenda de agora; por que não se tira, de uma vez por todas, do Estatuto da F.E.B. o parágrafo único do seu artigo 1º que considera a obra de Roustaing como complementar às da Codificação?! Por que, se ele contraria a vontade dos profíctes da Doutrina Espírita, os mesmos que se reuniram em assembléia geral para reformar esse Estatuto e enquadrá-lo no novo Código Civil Brasileiro? Estavam eles dispostos a fazer o expurgo desse pomo de discórdia, que só foi mantido por força de uma liminar da justiça dos homens, quando só se deveria levar em consideração a vontade da maioria, o consenso universal através de uma votação livre e democrática! Irmãos, onde está o bom senso? Onde, a lógica e a razão, apregoadas pelos Espíritos Superiores, através do seu porta-voz, o Mestre Allan Kardec, o “bom senso encarnado”?! Onde?!...

Disse certa vez o Espírito de Verdade: “... São chegados os tempos em que todas as coisas (continua)

(continuação) não de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos”.

Sim, companheiros, é chegada a hora da mudança, da grande transformação. Mas, para que isso aconteça, é preciso que haja humildade, o que toda a comunidade espírita espera dos senhores.

Que Deus os abençoe e o Espírito de Verdade os proteja, ilumine e oriente, para que a nossa querida Doutrina Espírita seja realmente engrandecida sob todos os aspectos.

UM GRITO DE ALERTA AO CENTRO ESPÍRITA

Ivo Galindo

“Outra cautela necessária às Instituições é o quadro existente de ENDEUSAMENTO aos médiuns ou às pessoas que assumem determinadas tarefas.

As criaturas que agem assim criam uma imagem da pessoa endeusada, como se ela não fosse humana, e, conseqüentemente marcada por falhas e acertos, virtudes e frustrações.

Se o endeusado, vivenciando algumas dificuldades, vier a cometer ERROS, descambando por atitudes não positivas, os endeusadores caem no despenhadeiro da decepção, transferindo, erroneamente, para a Doutrina Espírita, o que é de responsabilidade exclusiva do indivíduo que cometer a falha.

Vivemos num Mundo de provas e expiações, cuja característica principal ainda é o predomínio do erro.

Muito embora “SER ESPÍRITA” é assumir um compromisso com a perfeição, bem longe, ainda, nos encontramos da “ANGELITUDE”.

Cada criatura, por mais amorosa que seja, por mais virtudes que possua, apresenta os seus percalços, os seus erros e as suas vacilações.

No que pese a responsabilidade de que um divulgador do Espiritismo é portador, a prudência pede que o encaremos como pertencente à RAÇA HUMANA, marcada, ainda, por muitas contradições (...)

Chico Xavier, exemplo de dedicação à causa espírita, trabalhador infatigável, já incorreu em alguns erros doutrinários. A falha mais grave foi a de ter incentivado, por invigilância, a publicação, em 1974, de trinta mil exemplares de um livro que adulterava “O Evangelho Segundo o Espiritismo”.

Alertado por José Herculano Pires e, depois, martirizado pela consciência desperta, Chico Xavier solicita ao próprio J.H. Pires a publicação de um livro com sua parceria, a fim de se redimir da falta e encerrar o episódio. Daí surgiu o livro “Na Hora do Testemunho” pela editora Paidéia..

Citamos Chico Xavier porque ele, além de ser conhecido em todo o Brasil e em vários países do Mundo, é, verdadeiramente, uma figura exponencial pelo seu exemplo de amor e dedicação à causa espírita. Portanto, se Chico, com todo o conhecimento doutrinário e assessoramento espiritual que possuía, cometeu equívocos, imaginemos nós outros?

Sendo o Espiritismo uma Doutrina eminentemente racional, que cultiva e aprimora a nossa maturidade, elevando o nosso bom senso, aprendamos a respeitar e a amar os médiuns, dirigentes, coordenadores,

escritores e conferencistas. Enfim, amemos a todos que exerçam o papel de divulgadores do Espiritismo. Cultivemos o bom hábito de endereçar as nossas preces, também para eles, combatendo a idéia, tão preconceituosa quanto errônea, de que já são “ANJOS”.

Agindo assim, estaremos respeitando os homens, amando a verdade e, ao mesmo tempo, protegendo a Doutrina Espírita do PERIGO DO ENDEUSAMENTO”.

(Extraído do livro “Um Grito de Alerta ao Centro Espírita”, de Ivo Galindo, Vera Galindo, médium e Dr. Marco, Espírito, págs. 24, 25 e 26. Lançado pelo Gr. Espírita Novo Alvorecer, de Recife/PE- Rua Pierre Curue nº 113- Cordeiro – 50.711-450).

MEDIUMCRACIA

“A imortalidade não pode ser apenas pressentida, desejada. Tem que ser provada. Não pode restringir-se a motivo de crença, mas de afirmação positiva, cientificamente definida. Esse o roteiro que Kardec estabeleceu para o bom uso da mediunidade...” Foi o que encontramos no Editorial de um jornal de cultura espírita de Santos/SP.

E o articulista prossegue: “... Ao contrário do papel dos médiuns na codificação, no Brasil, segundo uma fundamentada análise, o movimento espírita está sob o domínio de uma mediumcracia..

Para situarmos analogicamente o papel da mediumcracia, recorremos ao jargão existente entre os deputados federais. Ali, uma elite, constituída de líderes e mais alguns de expressão nacional, domina o processo. Os demais deputados, a esmagadora maioria, constituem o chamado “baixo clero”.

Da mesma forma, nossa mediumcracia tem sua elite, um médium-mor e alguns mais chegados, por onde a “espiritualidade” envia mensagens, pedindo renúncia, paz e amor.

Os médiuns restantes formariam um “baixo clero mediúnico”. Eles controlam os centros espíritas, e, em muitos casos, criam guetos emocionais em sua volta, dado que são sempre “chamados por Jesus”, para a missão sacrificial de cura, assistência social e escrever livros.

Nesse setor o nível é bastante precário. Desde os mais importantes livros de André Luiz, psicografados por Chico, nada mais foi acrescentado à literatura mediúnica. Agora só repetição e melodrama e um ou outro discurso mais doutrinário, sem acrescentar informações importantes. Muitos desses psicógrafos foram picados pela “mosca azul da vaidade”; sonham em ser um novo “Chico Xavier”, e lançam livros após livros, de autores anônimos, quase sempre textos inexpressivos doutrinária e literariamente falando.

Num panorama como esse, não existe espaço para análise, contestação e controle da mediunidade, como queria Kardec...”

(“ABERTURA”, jornal de cultura espírita, de Santos / SP – edição de janeiro/ferreiro de 2005, pág. 3)

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De **João Roberto Nascimento**, S. Paulo: “Recebi e agradeço o livro “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”, que trata da existência e feitos do seu querido pai. E fiquei muito satisfeito. Fiquei mesmo impressionado com a qualidade do livro, muito bem escrito e muito bem apresentado. As fotos (tanto da capa como do interior) estão muito boas. Tudo feito com muito carinho; carinho de filho dedicado à memória do pai” (Carta de 27/02/2005)

De **Raimundo Moura Rêgo**, do Rio de Janeiro: “Acabo de ler o livro “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE” de sua autoria: pena tranquila, vibrante e, ao mesmo tempo, doce. Não é um simples tributo a quem lhe devotou amor e carinho. É, sim, um grande artigo de vida e companheirismo. Falas de tua família com amor, mas sem pieguismo. Relatas fatos sem os aumentar nem querer fazê-los maiores do que já o são. Enfim, um belo livro” (e-mail de 01/03/2005).

De **Lybio Magalhães**, de Mesquita/RJ: “Comigo o livro “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE” de sua autoria, que li com afeição quase espiritual. Parabéns (...) O livro, mais um filho de sua alma, haverá de contribuir para transformar o modo de pensar e de sentir de alguns seres. Seu pai está magnificamente retratado. Você, em nenhum momento se ocupa em dourar a pílula... “Os livros”, insinua Baltazar Gracian, “não podem ser avaliados pela espessura (...) Joseph Roux sugere lúcido: ‘Duas espécies de escritores revelam gênio: os que pensam e os que fazem pensar’. O genial Da Vinci contemporizou: ‘Felizes os que dão ouvidos aos mortos: leiamos bons livros e ponhamos em prática os seus ensinamentos’. Seu pai se insere entre aqueles que deram ouvidos aos mortos’. Maomé sentenciava: ‘Cada época tem o seu próprio livro’. Plínio, o Velho, conjecturava: - ‘Nas bibliotecas falam as almas imortais dos mortos’. Seu pai deparou nos tempos novos com *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*, disse resultando o militar humanizado. E um homem humanizado é o diferencial que explica e justifica que sua biografia conste de uma biblioteca. Meus parabéns! “Ademais, as grandes amizades, como os bons perfumes, não perdem jamais a fragrância... Honra-me a sua amizade!...” (Carta de 02/03/2005)

De **Celso Martins**, Rio de Janeiro/RJ: “Querido amigo: tomei conhecimento do livro ‘SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE’ de sua autoria, e gostei tanto que pretendo divulgar seu conteúdo no Centro de Estudos Espírita Allan Kardec, de Quintino, que frequento, e em outros centros espíritas, bem como através de jornais e revistas, das quais sou um colaborador. Meus parabéns! Se puder, achegue-se a nós, que nos dará prazer enorme. Abraços do Celso”. (Carta de 26/02/2005)

De **Therezinha Oliveira**, de Campinas/SP: “Prezado confrade: Recebi o exemplar do seu livro “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE” e muito lhe agradeço pela gentileza da remessa, que me permitiu conhecer essa tocante homenagem que você faz ao seu pai. Meus parabéns” (Carta de 10/03/2005)

Aos queridos irmãos acima citados, os nossos mais sinceros agradecimentos.

SOCIEDADE ESPÍRITA “VINHA DE LUZ

De Gravataí/RS, escreveu-nos o confrade Cristian Diovane Alves, Diretor da Sociedade Espírita “Vinha de Luz” nos seguintes termos:

“Prezados Confrades.

“É com grande satisfação e entusiasmo que escrevo-lhes para solicitar, se possível, o envio de informações sobre o procedimento para receber o Informativo “O Franco Paladino”, bem como algum material em disponibilidade que editam para fins de consulta, divulgação e acervo em nossa biblioteca.

“Contando com a vossa atenção e colaboração, desde já agradecemos

Assinado: Cristian Dionave Alves

Nota: Prezado irmão Cristian. A partir de agora o Sr. está cadastrado para receber nosso Informativo mensal, a título de cortesia.

O CAJADO.

Recebemos e agradecemos “O Cajado”, Ano 7, nº 40, órgão de divulgação bimestral do Centro Espírita “João Batista” do Méier/RJ (Rua Dona Claudina, nº 105).

ATENÇÃO:


Comunicamos aos distintos leitores que tem sido muito grande o número de pessoas que procuram, na Livraria do Centro Espírita “Léon Denis”, nosso livro, recém editado - “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE” - e, como essa primeira edição é pequena, constando apenas de 500 exemplares, os interessados devem se dirigir logo ao Sr. Severino Moraes por telefone (2.489-9847) ou por fax (30153314)

Ou então podem se dirigir também à dona Maria Regina pelo tel.: 2.452-1846 (Ramal 25)

“O FRANCO PALADINO”

Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes
Endereço: Rua Visconde de Moraes nº 159 (7º andar)

Bairro do Ingá – Niterói/RJ CEP = 24.210-145

 (0 XX 21) 2. 719-8022

E-mail: erastoprestes@urbi.com.br

Assessor de Informática: Erasto Magno